

CLAMIDIOSE AVIÁRIA

GENZ, Arthur R.¹
LORENÇATTO, Otávio¹
KROLIKOWSKI, Giovani²

INTRODUÇÃO

A clamidiose aviária, também conhecida como psitacose ou ornitose, é uma doença infecciosa causada pela bactéria intracelular obrigatória *Chlamydia psittaci*, que acomete diversas espécies de aves e pode ser transmitida ao ser humano, caracterizando-se como uma importante zoonose. O agente apresenta um ciclo de vida com formas infectantes e reprodutivas, o que facilita sua persistência e disseminação, principalmente por meio da inalação de poeira contendo excretas contaminadas. Em aves, as infecções podem variar de assintomáticas a graves, com sinais respiratórios, digestivos e neurológicos, representando um desafio sanitário em criadouros, zoológicos e comércios de aves ornamentais. Devido à sua ampla distribuição, potencial zoonótico e ausência de vacinas eficazes, a clamidiose aviária destaca-se pela importância no diagnóstico precoce, controle ambiental e medidas de biossegurança, dentro do contexto de Saúde Única (PICOLLI *et al*, 2021).

DESENVOLVIMENTO

A doença é causada por bactérias Gram-negativas do gênero *Chlamydia*, principalmente *C. psittaci*, embora outras espécies como *C. avium* e *C. gallinacea* também possam estar presentes em aves. A doença tem distribuição mundial e afeta diversas espécies, sendo transmitida principalmente pela inalação de fezes e secreções secas, além de contato direto, ingestão e, mais raramente, transmissão vertical. O agente utiliza proteínas de membrana como a MOMP, que apresenta diferentes sorotipos associados a grupos específicos de aves, e seu ciclo envolve a transformação de corpo elementar para corpo reticulado dentro de inclusões celulares, o que favorece infecções crônicas e eliminação intermitente. Clinicamente, as aves podem apresentar desde infecções inaparentes até quadros respiratórios e sistêmicos graves, com sinais como conjuntivite, rinite, dispneia, diarreia amarelo-esverdeada, emagrecimento e hepatosplenomegalia, podendo haver reativação em situações de estresse, como mostrado na figura 1. O diagnóstico envolve métodos diretos e indiretos, como PCR, sorologia, ELISA, imunofluorescência e, em necropsias, a imunohistoquímica, que é considerada a técnica mais precisa em tecidos fixados. O tratamento baseia-se principalmente no uso de doxiciclina por cerca de 45 dias, podendo-se utilizar outros fármacos, além de suporte geral. Como não existe vacina comercial, a prevenção depende de biossegurança e desinfecção com agentes eficazes como amônia quaternária, álcool 70% e hipoclorito de sódio. Por ser uma zoonose, representa risco para pessoas que lidam diretamente com aves, como tratadores e veterinários, tornando essencial a vigilância, a educação sanitária e o manejo responsável (CASAGRANDE *et al*, 2014), (FREITAS, 2011) & (PICOLLI *et al*, 2021).



Figura 1: Fígado aumentado de volume e com áreas amareladas, em psitacédeo com clamidiose.

Fonte: (CASAGRANDE *et al*, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A clamidiose aviária permanece como um desafio clínico e epidemiológico devido à grande variedade de hospedeiros, ao potencial de aves portadoras assintomáticas e ao seu caráter zoonótico. Uma abordagem realmente eficaz depende da combinação de diagnóstico laboratorial adequado — como PCR, ELISA e, em necropsia, a IHQ — com tratamento antibiótico prolongado, principalmente com doxiciclina, além de medidas rigorosas de biossegurança para evitar novas transmissões. Além disso, a educação de tutores, criadores e profissionais que têm contato frequente com aves, juntamente com políticas mais firmes de controle no comércio e no transporte desses animais, é fundamental para reduzir os riscos tanto para a avicultura quanto para a conservação da fauna e a saúde humana. Dessa forma, compreender a doença e aplicar práticas de prevenção e manejo responsáveis se tornam passos essenciais para minimizar seu impacto e promover um convívio mais seguro entre humanos e aves.

REFERÊNCIAS

- CASAGRANDE, R. A. *et al*. Diagnóstico imunohistoquímico e caracterização anatomopatológica de clamidiose em psitacédeos. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 34, n. 12, p. 1193-1200, 2014.
- FREITAS, A. I. A. Tratamento de calopsita com clamidiose – Relato de Caso. **PUBVET**, v. 5, n. 31, p. 1-6, 2011.
- PICCOLI, R. J.; ANDRADE, J. A.; VIOTT, A. M. Clamidiose aviária: revisão. **PUBVET**, v. 15, n. 9, p. 1-11, 2021.